

Écon. Brasil

Recessão ou desemprego

19 SET 1995

É bem possível que os leitores de jornais estejam encontrando dificuldades para entender, corretamente, o comportamento da conjuntura econômica. Dias atrás, um órgão da imprensa anunciava, com grande destaque, que o segmento dos apartamentos de luxo ignorava efeitos recessionistas, afirmando outro que as vendas de imóveis de alto padrão estavam caindo até na proporção de 70%... Ao mesmo tempo, empresários anunciavam que apoiariam os sindicatos operários nos protestos contra a recessão, apostando por sua vez à indústria em vendas de Natal superiores às do ano passado, quando elas foram consideradas excepcionalmente boas.

Tais contradições refletem uma realidade nacional: desapareceram os chamados "compradores

OLIVIO
SAO
DO
ESTADO

cegos", que, num quadro inflacionário, não tinham tempo de pensar para escolher. Hoje, com a estabilidade de preços, são as empresas que baixam seus preços as que conseguem vencer. Não se ignora, também, que alguns setores estão enfrentando, realmente, uma conjuntura difícil. Os que dependem da renda dos agricultores foram realmente afetados, e os que ficaram excessivamente protegidos diante de concorrentes estrangeiros experimentaram igualmente forte queda. Mas, de modo geral, pode-se considerar que, graças aos esforços de modernização, a nossa indústria atravessa uma boa fase.

As queixas, que se estão acumulando, resultam de três fatores. Em primeiro lugar, aceitou-se como normal uma explosão da demanda de caráter provisório:

quando essa retoma um nível rotineiro, fala-se em recessão... Num país em que as margens de lucros eram abusivas, a abertura das fronteiras determinou forte redução delas, o que induz a aludir à existência de recessão... Mas, talvez, o mais importante é que, malgrado uma taxa de crescimento razoável, esteja ocorrendo aumento do desemprego, o que, na realidade, nada tem a ver com uma queda da demanda.

Seguramente, um acentuado decréscimo do nível do emprego pode representar séria ameaça à indústria, mas o desemprego em si, que tem por objetivo uma melhoria da produtividade, muitas vezes

permite melhorar a situação econômica e criar condições para que, numa segunda fase, se amplie a contratação de novos empregados. O Brasil não é o único país a enfrentar esse dilema — que apre-

senta consequências sociais bastante dramáticas — mas pode-se resolvê-lo aqui mais eficientemente do que em certas nações europeias, mediante apressamento da flexibilização da legislação trabalhista. A globali-

**Desemprego não
significa recessão
na nossa
economia
globalizada, mas
exige realismo**

zação da economia e os progressos tecnológicos criaram o problema do desemprego. Cumpre reagir, habilmente, com o menor custo social possível, antes que seja demasiadamente tarde.